

□ Tempo de leitura: 5 min.

Para conhecer Dom Bosco, talvez seja preciso colocar lado a lado juízos contrastantes, vozes da Igreja e as palavras do próprio santo. Entre elogios entusiasmados, ironias corrosivas e análises históricas, emerge um perfil complexo e profundamente humano, distante tanto da hagiografia ingênua quanto da crítica preconceituosa. A santidade de Dom Bosco é, assim, restituída em sua autenticidade: não se baseia na grandiosidade de suas obras ou em carismas extraordinários, mas em uma vida interior rica, em virtudes vividas no cotidiano e em uma humildade sincera. Um retrato que ajuda a compreender por que a Igreja o reconheceu como pai, mestre e santo da juventude.

O que não foi dito ou escrito sobre Dom Bosco desde a sua época? Para o bem, naturalmente, e, às vezes, também para o mal! Sobre ele, sobre seus projetos. Aos sacerdotes de Turim que se preocupavam com o «zelo excessivamente empreendedor» de Dom Bosco, São José Cafasso respondia: «*Deixem-no trabalhar, deixem-no trabalhar!*» (MBp II, 299).

Em meados do século XIX, uma revista protestante emitiu juízos nada lisonjeiros sobre as publicações populares do padre de Valdocco, conhecidas como «Leituras Católicas». Eis um exemplo: «*Mas, caro Dom Bosco, quem você quer que acredite, se diz coisas tão absurdas? [...]. Quando se dizem disparates tão colossais, é preciso ter o talento de saber dizê-los para não cair no ridículo*» («La Buona Novella», 2.12.1853, p. 71).

Ao mesmo tempo, um periódico católico de grande prestígio, em sua coluna «Crônica contemporânea», relatava a opinião de um correspondente seu dos Estados Sardos, que as definia assim: «*Livretos de pequeno volume, cheios de sólida instrução, adaptados à capacidade do povo simples e tudo muito oportuno para estes tempos: eis o mérito destas «Leituras Católicas»*» («La Civiltà Cattolica», Ano IV, 2ª série, Vol. 3º, Roma, 1853, p. 112).

Se folheássemos certas edições dos jornais anticlericais e satíricos de Turim da época, encontraríamos piadas mordazes sobre o «*Senhor Dom Bosco... o famoso santarrão*». Bastaria consultar «La Gazzetta del Popolo» ou «Il Fischietto» daqueles anos para perceber; para depois descobrir o que jornais católicos como «L'Armonia» e «L'Unità Cattolica» diziam em seu louvor.

Também em nossos tempos a crítica não faltou, nem a séria, feita por estudiosos competentes, nem a preconceituosa e vulgar, que tem o único mérito de manifestar preconceito e má-fé. Por outro lado, a própria hagiografia moderna, mais do que a figura mística ou ascética dos santos, busca a sua figura humana.

«Queremos descobrir nos santos aquilo que nos une a eles, em vez daquilo que nos distingue deles; queremos trazê-los ao nosso nível de gente profana e imersa na experiência nem sempre edificante deste mundo; queremos encontrá-los como irmãos em nossa fadiga e talvez até em nossa miséria, para nos sentirmos em confiança com eles e partícipes de uma comum e pesada condição terrena» (Paulo VI, 3.11.1963).

Não é à toa que houve quem escrevesse com mal disfarçada ironia: *«Hoje, para ser bem aceito pelos leitores, não convém talvez encontrar defeitos e culpas nos santos e nas santas?» (A. RAVIER, Francisco de Sales. Um sábio e um santo, Milão, Jaca Book, 1987, p. 10).*

O que a Igreja disse de Dom Bosco

Em 1929, Dom Bosco foi proclamado Beato e, em 1934, declarado Santo pela Igreja. Em abril de 1929, o salesiano P. Eusébio Vismara teve a oportunidade de conversar com o Abade de São Paulo fora dos Muros em Roma, que mais tarde se tornaria Arcebispo de Milão, o Beato Cardeal Ildefonso Schuster.

Sabendo que ele havia sido Consultor nas Congregações que examinaram a heroicidade das virtudes de Dom Bosco, permitiu-se perguntar-lhe se os membros daquelas Congregações não teriam ficado subjugados e determinados a se pronunciar favoravelmente sobre Dom Bosco pela imponência de sua obra e pelos dons sobrenaturais que o acompanharam.

– Não – respondeu-lhe o então Dom Schuster, – *antes de tudo, isso nem sequer foi levado em consideração, foi descartado a priori; porque tudo isso é externo e, mesmo que seja sobrenatural, pode ser um puro dom carismático; não é virtude, não é santidade, que é um fato totalmente interior.*

E acrescentava, manifestando sua admiração pela santidade de Dom Bosco:

– *Talvez vocês mesmos não conheçam plenamente toda a riqueza de virtude e de vida interior que animava Dom Bosco (BS, abril-maio de 1934, p. 143).*

Dom Bosco foi um homem como todos os outros, é verdade, mas não no sentido que a imprensa adversária por vezes o descreveu. Homem de seu tempo, não foi sua vítima, mas protagonista e, sem muitas fórmulas, soube obter com seu exemplo iluminador, com a simplicidade de sua linguagem, de seus gestos e de suas ações, uma eficácia educativa que transcendeu seu tempo. Intrépido e imperturbável porque se sentia inspirado e sustentado pelo Alto, foi um homem de grande fé e de grande coração. Soube, com uma síntese genial e um estilo todo seu, traçar um caminho para a santidade juvenil. Não é à toa que, no centenário de sua morte, João Paulo II o proclamou: *«Pai e Mestre da juventude»*.

O que Dom Bosco dizia de si mesmo

No entanto, Dom Bosco, em sua grande humildade, sempre se considerou apenas «*um pobre filho de camponeses*» (MBp X, 238), que a misericórdia de Deus elevou ao grau de sacerdote sem nenhum mérito de sua parte, «*um mísero instrumento nas mãos de um artista habilíssimo*» (BS, agosto de 1883, p. 127).

Uma noite, ele terminou de confessar na igreja quando a comunidade de Valdocco já havia terminado de jantar. Foi então ao refeitório. O salesiano coadjutor José Dogliani, que alternava as aulas de música com o serviço à mesa, pediu o jantar para ele. O cozinheiro, irritado com o atraso, mandou um prato de arroz passado e frio. A Dogliani, que ousou dizer-lhe: «*Mas é para Dom Bosco!*», o outro, cansado do trabalho pesado daquele dia, deixou escapar uma resposta ríspida:

– *E quem é Dom Bosco? É como qualquer outro da casa.*

Dogliani, humilhado, apresentou o prato e se retirou. Mas o clérigo Valentino Cassini, que mais tarde se tornou missionário na América, não conseguiu se conter e relatou a Dom Bosco as palavras insensatas. Este, sem pestanejar, com toda calma, comentou:

– *O cozinheiro tem razão! (MBp XI, 225).*

Em 1883, Dom Bosco, acompanhado pelo P. Miguel Rua, fez uma viagem memorável a Paris. Durante o retorno de trem, após aqueles dias trabalhosos, ambos descansavam em meditação pensativa. O bom Pai havia sido entusiasticamente honrado e aplaudido por todas as classes de pessoas. A Virgem Santíssima havia operado maravilhas por meio dele. Um triunfo semelhante na Paris daqueles anos era algo inimaginável.

Finalmente, Dom Bosco quebrou o silêncio:

– *Que coisa singular! Você se lembra, P. Rua, da estrada que leva de Buttigliera a Morialdo? Lá, à direita, há uma colina e na colina uma casinha, e da casinha até a estrada desce pela encosta um prado. Aquela pobre casinha era a minha morada e a de minha mãe; naquele prado, eu, menino, levava duas vacas para pastar. Se todos aqueles senhores soubessem que levaram em triunfo um pobre camponês dos Becchi, hein? Brincadeiras da Providência! (MBp XVI, 205)*

Eis quem era Dom Bosco!